

“Os portugueses têm com Camões uma dívida”

Entrevista a José Augusto Cardoso Bernardes

Transcrição da entrevista publicada na Revista E do Expresso (1 de janeiro de 2026)

Fonte original:

Leiderfarb, Luciana (2026, 1 de janeiro). “Os portugueses têm com Camões uma dívida: manteve-os unidos ao longo de séculos” - entrevista a José Augusto Cardoso Bernardes. Revista E, Expresso.

Fotografia de Ana Baião.

Disponível em: <https://expresso.pt/semanario/revista-e/-e/2026-01-01-os-portugueses-tem-com-camoes-uma-divida-manteve-os-unidos-ao-longo-de-seculos-entrevista-ao-estudioso-jose-augusto-cardoso-bernardes-f63e7ba8>

Nota editorial e legal:

O texto que se segue corresponde a uma transcrição integral do texto jornalístico originalmente publicado na Revista E do Expresso. A presente transcrição é publicada com autorização do Expresso. Todos os direitos de autor e de publicação pertencem à jornalista Luciana Leiderfarb, à fotojornalista Ana Baião e ao jornal Expresso.

Camões tomou adulta a língua. Introduziu contradições na poesia. Uniu e une os portugueses. Uma conversa com o homem que, desde a Universidade de Coimbra, há 30 anos o ensina e estuda.

Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde há 30 anos leciona a cadeira de Estudos Camonianos, José Augusto Cardoso Bernardes desempenha, desde setembro de 2024, a função de comissário-geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões. Com uma dezena de livros publicados, entre os quais “A Oficina de Camões - Apontamentos sobre ‘Os Lusíadas’”, de 2022 (a que se seguiu “A Oficina de Gil Vicente”, outro dos autores a que se dedica), é o organizador dos quatro volumes da Lírica de Camões, que, a 9 de janeiro, o Expresso irá oferecer aos seus leitores para celebrar o 53º aniversário da fundação do jornal. Numa conversa longa, falou sobre o programa dos 500 anos do poeta, sobre como ensinar um autor como Camões e o que ele deu à língua portuguesa e ao presente. “Camões incorporou na poesia pensamento e densidade emocional e incorporou algo que só a poesia consente: as contradições”, observa.

Na reta final das comemorações dos 500 anos do nascimento de Camões, fez-se o essencial? O balanço só se poderá fazer depois de concluídas as comemorações. Ainda assim, atrevo-me a dizer que corresponderam ao plano traçado, assente em vetores de natureza cívica, investigativa e da presença de Camões na escola. Camões e a sua obra continuam a ser objeto de muitos desafios em termos de investigação. Por exemplo, se procurar uma edição das obras anotadas de Camões no século XXI, não conseguirá encontrar. Isso significa que o século XXI ainda não cumpriu a sua obrigação em relação ao poeta. E existe neste momento uma equipa de 15 camonistas a trabalhar para, no final de 2026, podermos ter as obras completas, anotadas, com as respostas que Camões coloca ao nosso tempo.

Que outros momentos-chave destaca até o encerramento, em junho de 2026? Vamos ter uma grande exposição na Biblioteca Nacional, que será inaugurada a 20 de março, e outra na Biblioteca Nacional de Espanha, já fora do período oficial, em outubro. São exposições de aparato, onde se reunirão peças raras, sobretudo livros, mas também arte do tempo de Camões. Vamos estreiar em junho, uma ópera encomendada ao compositor Luís Tinoco, com libreto de Luísa Costa Gomes. Vamos ter representações teatrais com um regime de itinerância pelo país. Já fizemos dias para Camões em Braga, Setúbal, Porto Alegre, Leiria, Coimbra, e continuaremos nessa senda. Realizaremos o primeiro congresso internacional sobre o ensino de Camões no século XXI.

É na escola que os portugueses se encontram com Camões. Essa relação começa bem? A relação pedagógica com Camões pode deixar sementes ou traumas para a vida. A pedra de toque que origina umas ou outros é sempre o professor. Costumo dizer que Camões só se pode ensinar de peito aceso; transmitindo, além de conteúdos, entusiasmo. Agora, se me pergunta se é necessário intervir nos programas, diria que a possibilidade de ajustamento tem de estar sempre em aberto. Há diferenças entre o ensino de Camões em Portugal e o dos grandes autores das outras literaturas europeias. Em Portugal, o ensino de Camões concentra-se em dois anos, enquanto, em Itália, Dante é dado de forma mais gradual.

Seria um caminho a imitar? Talvez produzisse resultados melhores. No nono ano, aos 14 ou 15 anos, o aluno lida logo com Camões e Gil Vicente. São textos que provocam uma natural estranheza, que o professor tem de mediar e diminuir, talvez humanizando mais o ensino de Camões, recuperando o homem e o seu tempo. O aluno de hoje tem no manual a transcrição de “Os Lusíadas”, os textos líricos, uma fotografia de Camões e sabe mais ou menos quando nasceu, mas nunca é convidado a ligar Camões à vida, às vicissitudes que passou. Sobretudo, não é estimulado a encarar a poesia de Camões como uma coisa nova. Isto é muito importante, porque esta poesia, para o tempo em que foi produzida, é realmente nova.

Como assim? Camões incorporou na poesia pensamento e densidade emocional e incorporou algo que só a poesia consente: as contradições. A filosofia não as consente, o pensamento político muito menos, mas a poesia sim. Até chama por elas. Não é razoável pedir coerência a um poeta.

O que o entusiasmo de Camões? Aderi a Camões antes de o ter compreendido. E ainda não estou certo de o compreender muito bem. Porque há em Camões algo que vai para além do entendimento, um apelo de comunicação. Um dos primeiros aspetos que me sensibilizaram foram as queixas por não ser compreendido. “Os Lusíadas” são um grito intransitivo, ninguém está ali para o ouvir. É um poema dedicado a um rei que não ouve. E desde os meus 14 anos que sou atraído por esse apelo de alguém que fala sem encontrar reciprocidade. Depois mantive-me junto de

Camões porque, gostando de literatura e de poesia, é impossível não gostar dele. Com ele, a língua portuguesa torna-se adulta.

Qual é o aspeto mais difícil de compreender em Camões? Referiu a “densidade da linguagem”. Estamos habituados a comunicar de forma repetitiva, iterativa. Ora, os textos de Camões são de uma grande concentração semântica. Uma só palavra pode querer dizer muitas coisas. E isso é deliberado. Alguém que se disponha a ler Camões sem ajuda ou anotações adequadas pode sentir essa dificuldade, porque está habituado a um ritmo de leitura que não condiz com o ritmo de leitura do tempo de Camões. E isso ou funciona como estímulo ou como barreira que leva à desistência. Mas vale a pena fazer o esforço de abrandar o ritmo. Sem esse abrandamento não se entra no século XVI.

Que relação os portugueses têm com este legado de cinco séculos? Os portugueses têm com Camões uma dívida única: ele manteve-os unidos como comunidade ao longo de séculos. Mais do que nenhum outro autor, atravessou séculos, regimes políticos e sensibilidades geracionais unindo os portugueses. É um elemento identitário que vem ao de cima nos momentos mais difíceis. Em 1898 fez-se uma edição autográfica de “Os Lusíadas”, onde cada figura copiava à mão uma estância, e estão lá os políticos, os clérigos, os monárquicos, os republicanos. Só à volta de Camões é que se podia unir toda esta gente. Pode perguntar-me: essa capacidade agregadora ainda funciona? Diria que sim, e mais convictamente do que há um ano e meio, quando assumi as funções que hoje tenho.

Porquê? Noto que Camões mobiliza sem exigir uma perceção intelectual, o que pode parecer estranho. Dou-lhe um exemplo. No dia 10 de junho, três centenas de músicos reuniram-se em Oliveira de Azeméis para executar uma peça inspirada em “Os Lusíadas”, com centenas de pessoas a ouvir. Se o nome de Camões não estivesse envolvido, duvido que fosse possível. Essa pertença vê-se também nas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Quando se leva Camões à África do Sul, à Venezuela ou às escolas portuguesas em Moçambique ou em Timor há um frémito, porque Camões nos colocou dentro da sua obra. E ao passarmos os olhos por “Os Lusíadas”, identificamo-nos com as personagens. Umas vezes somos o velho do Restelo, outras o Adamastor que se sentiu enganado, outras sonhamos com a Ilha dos Amores, e não me refiro apenas ao gozo erótico associado a esse episódio, mas ao grande sonho do saber, da revelação.

Como se atualiza a obra de Camões e como ela fala ao presente? A atualidade de Camões não é flagrante, necessita de indagação. Dou-lhe um exemplo. Em “Os Lusíadas”, o poeta escolheu dois deuses para se oporem, Vénus, a deusa universal, e Baco, o deus do Oriente. Isto aponta para um conflito que é o grande desafio do nosso tempo: incorporar o universal sem perder a identidade, as raízes, desde logo a língua. Camões foi sempre bem recebido no estrangeiro e traduzido desde muito cedo, precisamente porque tem em si esse germe de universalidade.

Coloca questões humanas? A ilha dos Amores, o que é? É a recompensa que Vénus idealizou para os portugueses que protegia na viagem à Índia. E o que acontece na Ilha dos Amores? O cruzamento entre nautas e ninfas, do qual nascerá uma nova gente para povoar a Terra. Há quem veja neste episódio uma manifestação de júbilo. Eu vejo uma manifestação de pessimismo temperado com esperança. O que está ali dito é que o progresso humano só é possível com uma grande transfiguração da espécie. E a transfiguração faz-se sob a égide do afeto, da empatia, da tolerância, do respeito pelo outro. Tudo isso está na obra, mas repito, não à primeira vista.

E o que encontramos na lírica? O que nos traz de Camões? Camões tem um temperamento essencialmente lírico, mesmo quando escreve épica. Toda a obra de Camões é uma proclamação de fé na poesia, enquanto forma de corrigir e superar a realidade. Mas a lírica vale por si mesma. E o que impressiona é aquilo que dizia há pouco, a incorporação das contradições que estão no mais recôndito da alma humana. Camões não teve pejo em mostrar-se como ser dilemático, que escreve como forma de desafogo, porque sabe que não vai ser entendido. Os poemas mais impressionantes são aqueles em que perante uma situação de perda - da amada, por exemplo -, ele dirige um lamento ao vento, ao mar, que não lhe podem dar uma resposta. A escrita de Camões é pulsional, incontrolada. Hoje racionalizamos muito a palavra, mas em Camões há um predomínio da emoção.

Mas um soneto, por exemplo, não implica um exercício de racionalidade? Sim, e é espantoso quando, em Camões, essa racionalidade formal não atrofia a intensidade da emoção. Um soneto tem de ter sempre 14 versos e 140 sílabas métricas. É um imenso desafio oficial - basta experimentar. Ora, quando esse exercício invariável contém gritos de alma, análise interior e dimensão filosófica, só podemos ficar surpreendidos. Em regra, o soneto vale como forma de exibição retórica. Não é como a poesia em medida velha, em que uma glosa, um vilancete ou uma trova podem variar, quer em termos de métrica, quer de combinação estrófica. A questão gerou até uma querela entre camonistas. Uns dizem que Camões é mais 'livre' na medida velha, em que o espartilho formal é menor. Outros sustentam que a poesia em redondilha é apenas uma poesia de treino, para chegar às formas italianizantes, tidas por mais nobres, como o soneto e os géneros maiores: as canções, as elegias, as odes ou as éclogas.

E onde é que o professor se situa? Penso que Camões está em todo o lado. Escreveu em medida velha quando esta já não tinha a cotação literária que tinha tido no princípio do século XVI. E conseguiu renová-la. Os que a subalternizam esquecem-se de que, a par de textos de circunstância, que podem passar por frívolos, surgem composições centrais para a apreciação global da lírica de Camões. Basta pensar nas redondilhas de "Sobre os Rios Que Vão" - 365 versos em medida velha que nos fazem vibrar as cordas da emoção, do pensamento e da relação entre o profano e o divino.

O professor publicou o livro “A Oficina de Camões”. Como é que ele escrevia e como superou os modelos de escrita do seu tempo? Acredito, e é uma ideia que tenho vindo a reforçar, que Camões escrevia muito mentalmente. E só depois de apurar [os textos] na oficina da sua cabeça é que começava a escrever. O que me leva a pensar isso? É que há nele uma musicalidade que não encontramos noutra autor europeu. Isto explica que alguns textos de Camões tenham tido adaptações musicais tão bem-sucedidas: a música já lá está. Acredito que trouxesse cantos inteiros de “Os Lusíadas” na cabeça durante muito tempo. Não o posso provar, nem verificar se ele tinha uma escrita torturada - com muitas emendas, como no caso de Eça de Queirós - ou se brotava naturalmente. Se me obrigassem a decidir, iria mais para este lado.

Na apresentação do III Volume, diz não ser exagerado falar de Camões como um dos grandes artistas europeus da melancolia. Porquê? Associamos a melancolia à segunda metade do século XVI, em que poetas, pintores, músicos e escultores são muito marcados pela ideia de perda. O melancólico é aquele que exprime uma perda irreversível. E isso está presente numa parte significativa da obra de Camões. Existem sonetos - as traves-mestras da lírica - que são textos de melancolia, onde o poeta exprime a dor de algo que perdeu e não pode recuperar. E aquilo que perdeu não é apenas pessoal, é a perda de um tempo.

Ele viu a sua épica editada, o que não aconteceu com a lírica, de que existiram muitas versões. Que critérios tornam “fiável” uma versão? Uma edição fiável resulta de um estudo perseverante, honesto. E o que isso é? É identificar um poema, relacioná-lo com uma fonte e dar-se ao trabalho de averiguar se um soneto atribuído a Camões num determinado cancioneiro é atribuído a outro autor num cancioneiro diferente. Isso exige uma grande proximidade em relação ao estilo de Camões. O estilo, não sendo probatório, é indiciador. Há textos que dificilmente se podem aceitar como sendo de Camões, porque ele teve muitos imitadores. Ao falar numa edição fiável, reporto-me sobretudo à pessoa que a preparou. Se a pessoa anuncia uma edição feita em dois anos, eu desconfio. Agora, edições fiáveis são as edições de Hernâni Cidade, de Álvaro Gil da Costa Pimpão, de Maria Vitalina Leal de Matos, que reúnem em si esses requisitos de que eu falava.

É um trabalho arqueológico? Exatamente. De arqueologia, de genealogia e de comparação. Esse trabalho foi feito na década de 1950 e não avançou muito mais, mas de vez em quando surgem indicadores de que um determinado soneto, que sempre identificámos como sendo de Camões, pode não o ser. E ficamos órfãos do soneto. Por exemplo, recentemente saiu uma edição em Genebra que põe em causa a autoria de Camões em relação à parte religiosa de “Sobre os Rios Que Vão”. Temos de estar preparados para, perante factos que sejam evidências, nos separarmos dolorosamente de alguns textos a que nos habituámos.

É uma renúncia? É uma renúncia. Mas não acontece muitas vezes. Neste caso, essa contestação de autoria feita por uma grande camonista italiana, Barbara Spaggiari,

colhe a aprovação de alguns e a desaprovação de outros. O que pode acontecer é que Camões não tenha composto “Sobre os Rios Que Vão” de forma continuada, mas em fases diferentes da vida.

O que é que a lírica nos permite perceber da biografia de Camões? Falei-lhe da adesão que, em jovem, senti à dificuldade de comunicação manifestada pelo poeta. Mas existe outro fator que me aproximou de Camões: a autenticidade que sempre pressenti, sobretudo, na obra lírica. Autenticidade não significa verdade. Quando Camões diz que teve a vida mais desgraçada que jamais se viu, isto não é mensurável, não podemos medir a infelicidade das pessoas com um termómetro. Se uma pessoa se manifesta infeliz invocando certas circunstâncias, é porque as sentiu como indutoras de infelicidade. Não lhe sei dizer se a vida de Camões está disfarçada na lírica. O que me atrevo a sugerir é que na lírica está uma vida que Camões sentiu. Não necessariamente a que viveu. Mas é significativo o facto de, até hoje, as biografias que foram publicadas, e duas delas em 2024, não contradizerem o que Camões diz na lírica.

Com os índices baixos de leitura que temos em Portugal, poderá a lírica facilitar a entrada no mundo de Camões? Mais do que escolher entre a lírica e a épica, a questão coloca-se na forma como nos aproximamos de Camões. Se solicitamos alguém desabituaado a andar para fazer uma caminhada de 20 quilómetros, a experiência será penosa a não ser que a preparemos com cuidado, parando nos lugares certos, pontuando a viagem com explicações. O que mais importa para quem começa a ler Camões é a forma como é iniciado na leitura.

Foi isto que o guiou nas escolhas para esta antologia? Tive sempre a noção de que antologiar Camões exigia um esforço de aproximação ao leitor contemporâneo, e esse esforço tinha de se traduzir na escolha de textos que fossem menos densos, e sobretudo no tipo de anotações e de explicações introdutórias. Numa aula universitária de estudos camonianos, posso fazer uma grande dissertação sobre o petrarquismo. Numa antologia, basta ao leitor saber genericamente o que é o petrarquismo e porque Camões é um poeta petrarquista.

E o que Petrarca deu a Camões? Primeiro, a ideia de que a poesia pode e deve ser imitação da vida. O alinhamento autobiográfico vem de Petrarca, como já vinha de Santo Agostinho. Petrarca era um grande leitor de Santo Agostinho. E as “Confissões” está nos genes do confessionalismo petrarquista e de Camões. Outro elemento que Camões herdou foi a incorporação das contradições extremas. “Amor é fogo que arde sem se ver.” Como isso é possível? “É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente.” Tudo isto era alheio à poesia europeia antes de Petrarca. Antes de Petrarca, a poesia europeia pautava-se pela coerência e pelo aparato retórico-estilístico. Com Petrarca, os poetas ficam livres para descer ao fundo da sua própria alma.

“Luís de Camões serve-se da poesia para proclamar a insuficiência das palavras.” O que quer dizer com isto? Temos a noção de que as palavras são um instrumento do qual nos servimos para exprimir emoções, mas nunca conseguimos traduzir por palavras as emoções mais profundas da nossa alma. Porque a linguagem tem limitações. Veja, por exemplo, no episódio do velho do Restelo, quando aquele velho aparece a dizer que os nomes das coisas não reproduzem a substância delas. Absolutizar as palavras é sempre um ato de tirania para quem nos ouve. A insuficiência das palavras é um indicador de contemporaneidade em Camões no qual devíamos pensar mais.